



PT EN



ARTE & CULTURA

Refúgio nos Açores e o EASTMAN

▲ [Carolina Trigueiros](#)

“For me a journey is to return”, escreve Hun Chung Lee. Lembro-me agora quando regresso aos Açores para o reencontrar. Conhecemo-nos em Lisboa quando Lee estava em residência e daí surgiu uma relação de cumplicidade, como é natural, quando se acompanha a produção artística de alguém. Na altura houve a vontade que se repete agora na ilha, fugir da megalomania do seu atelier, ser anónimo. Ter tempo para usar as mãos. Para quem o observa, meditar de forma ativa.

Em Seul não é fácil. Um atelier em grande escala, assistentes e solicitações, chamadas ou reuniões ocupam a maioria do dia. E, na verdade, se há sítio com tal aura contemplativa ou mística é este arquipélago no meio do Atlântico.

Em Lee é muito presente uma vontade por aquilo que está no meio: equilíbrio, balanço, e o processo de tudo isso, tanto no trabalho como na vida. Sendo que uma se funde na outra e a sua casa é, também, a sua obra. A sua prática encontra-se precisamente neste cruzamento de disciplinas, entre ser uma coisa e o seu inverso, sem etiquetas ou ilações finais. Mais do que onde se chega é o caminho que se faz que importa: a viagem. Sempre a jornada. Assim, é neste contexto que chego ao [Pico do Refúgio](#) para acompanhar o resultado do seu mês em residência artística. Alojado numa quinta do início do século XVII na costa norte, o turismo rural Pico do Refúgio – Casas de Campo é, efetivamente, também refúgio para muitos artistas.

Como é costume neste programa impulsionado por Bernardo Brito Abreu, a cada nova residência realiza-se um open-day, onde o convidado dá a conhecer publicamente o seu projeto. Projeto esse de total liberdade artística, sem temas nem restrições. Apenas, como me conta, esperando “uma resposta ao lugar”. Desta forma, e depois de uma conversa introdutória, Hun Chung Lee apresenta-nos o momento final da sua estadia: uma queima performativa. Para tal, começa por pedir aos participantes para escreverem num papel uma frase, ideia ou desejo e, só então, caminhamos rumo à colina. Lá se encontra a escultura concebida: *EASTMAN*. Uma cadeira composta por cimento e vários tipos de argila presentes em S. Miguel, ao lado do molde de madeira serrada que lhe deu forma e onde cada visitante coloca os seus escritos. Por fim, pega-se fogo ao negativo que arde juntamente com os papéis, até se tornar cinza. Tudo isto quando o dia se torna noite.

Momento-performance, o ato de reunir à volta da fogueira, esta ideia de círculo, de propagação é um costume ancestral: de histórias, de ideias, da própria chama. Hipnótico, intenso, celebrativo por vezes, introspetivo outras. É nestes polos que navegamos, assim como já tinha ensinado Lee. Estamos entre a escultura que fica e o molde que já não se vê.

Habitado a trabalhar em cerâmica, é a ação do fogo que torna o trabalho modelado resistente ao tempo e mais belo, talvez. Contudo, dos quatro elementos que intervêm no processo de cozedura só a terra permanece. Tal como agora que apenas resta a obra composta de diferentes camadas de solo. Cada camada com diferentes tipos de histórias, proveniências, épocas. À semelhança da ilha que nos cerca: “um vestígio da acumulação do tempo”. À semelhança da nossa pele. Cada um à sua maneira, a ilha, a escultura, o corpo humano, todos vestígios e todos sujeitos à erosão, ao olhar, à degradação. E, neste paralelismo, *EASTMAN* somos nós e o fogo, metáfora da própria vida que “não pode ser controlada” e das forças de mudança e transformação que nos rodeiam e conferem, por vezes, solidez.

Talvez seja esta uma das muitas leituras possíveis que escrevo a partir desta “casa de sonhos”, onde se desafia artistas a “deixarem-se contaminar pelo lado humano, pela história, pela memória e pelo território insular, contaminando de volta a paisagem e as pessoas que os acolheram”.

Apenas mais uma reflexão que se desprende como uma centelha do corpo em brasa, e deixa adivinhar o potencial deste território e projeto. No momento de regressar sei que, pelo menos, por mais uns largos tempos poderemos todos observar a escultura de Hun Chung Lee *EASTMAN* no pico do Pico do Refúgio e, até dia 30 de junho, alguns dos desenhos que lhe deram origem. Desenhos esses presentes na exposição com curadoria de Miguel von Hafe Pérez, *O olhar divergente - As Residências do Pico do Refúgio como património prospetivo*, patente no [Arquipélago - Centro de Artes Contemporâneas](#) juntamente com mais todos os outros artistas que por cá passaram num total de 65 obras em exposição.

*Carolina viajou a convite do Pico do Refúgio – Casas de Campo para acompanhar a performance de Hun Chung Lee.

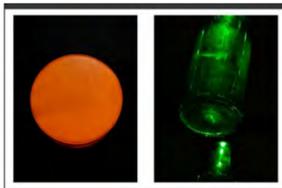
Like 29 Share

MAIO 16, 2019



AÇORES, ARTE

ARTIGOS RELACIONADOS



Arte em Quarentena – João Henriques

Maio 30, 2020



Arte em Quarentena – Hugo Brazão

Maio 29, 2020



Resposta Aberta: Rã di Martino

Maio 28, 2020



ARTIGO ANTERIOR
Satélites, de Márcio Vilela



PRÓXIMO ARTIGO >
Conversa com Ernesto Neto



CAROLINA TRIGUEIROS

Carolina Trigueiros vive e trabalha em Lisboa. Licenciada em Comunicação Cultural (2013) entre Lisboa e Barcelona e com uma pós-graduação em Curadoria de Arte na Universidade Nova de Lisboa, tem vindo a trabalhar na área da curadoria, produção e escrita.



Categorias

- [ARQUITETURA](#)
- [ARTE](#)
- [CINEMA](#)
- [DESIGN](#)
- [FOTOGRAFIA](#)
- [JOALHARIA](#)
- [LITERATURA](#)
- [MODA](#)
- [MÚSICA](#)
- [PALCOS](#)
- [VÍDEO](#)

Quarentena

5 SUGESTÕES CULTURAIS

ARTE EM QUARENTENA

HOMEMADE DESIGN

MUSIC FOR THE WEEKEND

RESPOSTA ABERTA

SHARP VIEW

UMBIGO / THE CAVE PHOTOGRAPHY

Último número



COMPRAR NUM. ANTERIORES

Subscrever

Primeiro Nome

Apelido

Email

Subscrever a Newsletter (versão PT)!

Aceito a [Política de Privacidade](#)



SUBSCREVER

